

DUARTE, André. *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

O livro de André Duarte, *Vidas em risco*, compõe-se de um conjunto de ensaios com o propósito de pensar os riscos a que está exposta a vida humana na modernidade tecnocientífica, visto que na modernidade a vida se torna um problema central. Sua obra está organizada por uma introdução e três partes, partindo das narrativas filosóficas da modernidade, passando pela técnica e a biopolítica, até chegar às questões éticas. A proposta de Duarte é formular um diagnóstico filosófico da modernidade, a partir das reflexões de Foucault, Arendt e Agamben, cotejadas com as ideias de Nietzsche e Heidegger. Não é pretensão do autor esgotar o problema, tão pouco forçar “combinações e aproximações sem ser obrigado a estabelecer hierarquias, influências e linhas entre eles” (p. 3). O objetivo maior é estabelecer tal diagnóstico a partir de uma ontologia crítica do presente, pensada dentro da história, comum a esses autores, em sua atualidade e em relação ao passado e ao futuro.

Na primeira parte do livro de André Duarte, dedicada às narrativas filosóficas da modernidade, o autor começa por apresentar a filosofia de Heidegger, não como uma filosofia que trata especificamente da modernidade, mas que tem como preocu-

pação fundamental a questão filosófica do ser. Heidegger definiu a modernidade como um período de esquecimento do ser, que se oculta nos entes e se perde em meio ao desenvolvimento tecnocientífico moderno. O homem esqueceu sua relação com o ser, que é despotencializado, “o espírito se converte em meio para outros fins, isto é, em razão instrumental.” (p. 23). Temos, então, na modernidade, um novo projeto metafísico fundamental, baseado numa nova interpretação do ente e numa nova concepção da verdade. Para Heidegger, a ciência moderna é marcada por uma descontinuidade ontológica entre a ciência da Idade Média e a *épistémè* da Antiguidade. O homem assume, na modernidade, a medida e o centro do ente. Segundo Duarte, ao refletir sobre o final da metafísica,

Heidegger procura mostrar a identidade essencial entre a determinação nietzschiana do ser como vontade de poder e o fenômeno moderno da tecnificação planetária do mundo, em função do qual o mundo passa a ser compreendido como o produto das ações calculadas e planejadas do homem. (p. 34).

Dando continuidade ao diagnóstico sobre a modernidade, André Duarte busca aproximar o pensamento de Heidegger a

* Mestrando em Filosofia pela UFC – CAPES.

problemas abordados por Michel Foucault, quando trata dos conceitos de poder disciplinar e biopolítica. Na mesma perspectiva, busca também na concepção arendtiana da modernidade e do mundo moderno sinais de proximidade na distância de Heidegger. Desse modo, afirma Duarte que

para Arendt e para Heidegger o mundo tecnológico nos confronta com o perigo da perda de sentido, de compreensão e de pensamento, isto é, nos ameaça com a perda das capacidades genuinamente humanas. (p. 53).

Quanto a proximidade do pensamento de Heidegger ao de Foucault, um ponto comum seria a avaliação crítica que ambos fazem do humanismo moderno, sendo o humanismo o centro da avaliação crítica entre esses filósofos, pois ambos

buscaram pensar para além do dogmatismo antropológico, e para isso se fazia necessário desenraizar o pensamento moderno de suas determinações subjetivistas e humanistas. (p. 89).

Outra proximidade, proposta por Duarte, a esses autores, seria as considerações de Foucault a respeito da *épistémè* e a reflexão de Heidegger a respeito do ser como abertura historial.

Para André Duarte, uma das maneiras de aproximar o pensamento de Heidegger e Foucault seria através do conceito foucaultiano de biopolítica, uma política que visa disciplinar os corpos das populações e a vida do homem e está relacionada a uma nova forma de poder, que passa a ser o elemento central de todas as relações, tornando a modernidade uma época determinada pelo humanismo metafísico onde o homem se tornou sujeito e objeto do conhecimento científico. Nessa perspectiva também é feita em seu livro a ligação entre Arendt e Foucault como pensadores que viram na modernidade uma "objetivação científica da natureza e do próprio homem" (p.111). É nesse sentido que ele tenta unir os pensamentos de Foucault, que viu nos mecanismos de disciplinamento e vigilância institucionais a fabricação daquilo que ele

denominou sujeitos sujeitados, ao pensamento de Arendt quando conclamou a vitória do *animal laborans* na modernidade, isto é, a redução do homem aos processos de trabalho e consumo. Assim, Duarte encerra o primeiro capítulo de seu livro com a crença de que as reflexões de Foucault e Arendt "podem nos auxiliar a compreender e experimentar aquilo que autonomia e liberdade podem significar nos tempos que correm." (p.118).

A segunda parte de *Vidas em risco* é dedicada à técnica e a biopolítica. André Duarte começa por apresentar, segundo o pensamento heideggeriano, a essência da técnica moderna, que não pode mais ser vista somente como um conjunto de meios destinados ao alcance de fins, técnica instrumental ou antropológica. Heidegger denomina de dispositivo a essência da técnica moderna, modo pelo qual o ser vem à tona na modernidade tardia. Para Heidegger, a técnica não pode mais ser pensada de maneira instrumental ou antropológica, pois ela configura a abertura ontológica na qual os entes fazem sua aparição em nosso tempo, ou seja, a técnica não é somente um instrumento que o homem controla para obter fins determinados, pois o homem moderno é demandado pela técnica e não seu agente controlador, "o ente vem a ser pela técnica e pela ciência moderna." (p. 149). Deste modo, o homem moderno encontra-se entregue, de maneira incontrolável, ao destino da técnica, desfrutando de seus benefícios e padecendo de seus males. Tanto a natureza humana quanto a própria natureza tornaram-se entes de reserva da técnica moderna, por isso precisamos pensar e continuar a pensar sobre o destino moderno em que nos encontramos.

Duarte confronta o diagnóstico heideggeriano da técnica moderna com as fábricas de morte, "quando o filósofo se dedica a pensar os perigos que assolam a essência do humano na era da técnica." (p. 170). As fábricas de morte geram um processo terrível de descartabilidade do homem, tornando os que morrem apenas matéria viva e não seres mortais. De acordo

com André Duarte, não faria sentido propor uma crítica a Heidegger baseada na ideia que ele teria mantido a lei do silêncio sobre os assassinatos em massa cometido pelo nazismo, pois ao interrogar o ser como tal, Heidegger não deixa de se preocupar com os próprios entes. Assim, pode-se dizer que ao pensar a essência “o filósofo se dedica a pensar os perigos que assolam a essência do humano na era da técnica.” (p. 170). Desse modo, sua análise da essência da tecnologia moderna pode ser capaz de nos levar a entender o horizonte de desocultamento em que tais horrores puderam se realizar. André Duarte aponta, ainda, em seu livro, para o fato de Heidegger ter tentado responder ao perigo da des-essencialização tecnocientífica do humano. Todo diagnóstico que vem sendo abordado em *Vidas em Risco* assinala para o grande potencial tecnológico de destruição da vida alcançado na contemporaneidade. É nesse sentido que o conceito foucaultiano de biopolítica se torna uma importante ferramenta na compreensão da crise política do presente. Assim sendo, somos levados a refletir também sobre a importância do conceito deleuziano de sociedade de controle, que nos possibilita entender a centralidade que alcançou os fenômenos vitais da população. Afirma Duarte:

o conceito deleuziano de sociedade de controle ressaltou uma vez mais a centralidade dos fenômenos vitais da população como alvo constante de investimentos, produções e controles que, na maioria das vezes, são inclusive desejados pelos próprios cidadãos, aspecto que chamou a atenção de vários pensadores contemporâneos para o conceito foucaultiano de biopolítica, ao mesmo tempo em que ofereceu condições para sua apropriação e transformação. (p. 207).

Para Foucault, existe, em nossa sociedade, uma grande rede de poderes disciplinares que vigiam e controlam a vida dos indivíduos, poderes esses que são exercidos sobre os corpos das populações, como uma tomada de poder sobre a vida. De acordo com André Duarte, seria necessário o conhecimento de algumas teses da *Microfísica*

do Poder de Foucault para uma melhor compreensão do seu conceito de biopolítica, pois é nessa perspectiva que a pesquisa genealógica foucaultiana visa fazer uma “análise das relações de poder em seu caráter histórico e produtivo.” (p. 212). Outro conceito foucaultiano abordado por Duarte e totalmente relacionado ao problema da biopolítica, é o conceito de governabilidade, que substitui a forma de poder soberana ou a assim chamada razão de Estado por um poder baseado na gestão governamental, onde o alvo principal são os problemas da população e o exercício do poder sobre a massa populacional. Muito central nesse debate e presente no livro é, também, a discussão em torno do neoliberalismo, tema abordado por Foucault, principalmente, em seu curso *Nascimento da biopolítica*, onde frisa criticamente a necessidade neoliberal de governar para o mercado e não por causa do mercado.

No décimo capítulo de *Vidas em risco*, André Duarte abre um espaço para apresentar o conceito de biopolítica em Giorgio Agamben. Segundo ele,

é a partir da combinação das noções de poder soberano e estado de exceção que Agamben começa a delimitar seu conceito de biopolítica. (p. 274).

Diferente de Foucault, Agamben não vê a biopolítica como um fenômeno apenas da modernidade, mas presente em toda tradição do pensamento político do Ocidente. Assim, seguindo a linha do pensamento de Agamben, a democracia moderna é caracterizada pela promoção da *zoé*, vida nua, em detrimento da *bios*, vida qualificada dos cidadãos, e o campo de concentração torna-se “o paradigma oculto do espaço político na modernidade.” (p. 287). Para Duarte, o grande problema da reflexão de Agamben sobre a biopolítica e o biopoder, é o fato dele interromper sua reflexão antes de refletir sobre as possibilidades de resistência a esses fenômenos,

nas poucas oportunidades em que ele se dedica a transcender o diagnóstico do presente a fim de pensar formas de

resistência à biopolítica contemporânea, o que ele nos oferece são interessantes experimentos de pensamento, sintomaticamente elaborados a partir de um diálogo, ainda quando crítico, com Arendt, Foucault e Heidegger. (p. 299).

Nas linhas seguintes de *Vidas em risco*, Duarte nos apresenta uma proposta de leitura entre Hannah Arendt e a biopolítica. Embora a hipótese interpretativa da biopolítica em Hannah Arendt pareça algo conflituoso, ela é proposta a partir da reflexão arendtiana das crises políticas da modernidade tardia. Nesse sentido, o autor tenta “estabelecer as bases para um diálogo de seu pensamento com o de Agamben e Foucault.” (p. 308). Assim, para Arendt, a modernidade é marcada por um processo de subordinação da atividade política pela econômica, que gera uma naturalização das relações políticas dos homens, promovendo a ascensão do *animal laborans* e convertendo o espaço público em espaço privado onde predomina o reino das necessidades e a liberdade é banida do meio dos homens. A noção de biopolítica que se encontra ausente em Arendt pode iluminar suas reflexões a respeito da violência totalitária e da violência cotidiana, de modo que, “a vida ou mesmo a natureza humana não podem fundamentar adequadamente qualquer direito ou política.” (p. 324-325). Qual seria então a alternativa para a biopolitização da vida na modernidade tardia? De acordo com Duarte, Arendt não propõe um retorno à experiência política do mundo antigo, mas propõe “uma política da natalidade fundada na potência criativa da vida que transcende a própria vida.” (p. 332), ou seja, na capacidade que o homem tem, pelo fato de ter nascido, de criar algo inteiramente novo, assumindo sua singularidade e ação política.

A última parte de *Vidas em Risco* é dedicada à ética em tempos de risco de vida. A hipótese inicial proposta por Duarte seria a possibilidade de uma reflexão ética na filosofia heideggeriana. Essa reflexão não teria como pano de fundo uma teoria ética sistemática. Assim, a presente proposta levanta

pelo autor parte da possibilidade de uma ética da *finitude*, presente em *Ser e tempo*, uma ética e ontologia que não deve ser pensada a partir de categorias metafísicas, mas deve ter como referência a “essência do *ethos*.” Desse modo, é a partir das sentenças da analítica existencial de Heidegger, que se apresentará um questionamento ético, capaz de reconhecer o outro em sua alteridade,

compreendendo a si e aos demais a partir do mundo compartilhado nas ocupações do mundo circundante, o *Dasein* existe segundo o modo de ser em que o eu pode vir a se confundir com o outro. (p. 359).

No entanto, o poder ser do *Dasein* não pode permanecer preso consigo a preocupação cotidiana e com os outros, o que Heidegger chamou de “abertura no modo de fechamento.” O *Dasein* em sua relação de alteridade para consigo deve abrir-se ao outro enquanto outro e, nesse ponto, reside o caráter ético da analítica. Afirma Duarte,

É por meio da escuta e resposta dedicada à voz do outro que já trago junto a mim que eu me torno responsável, não apenas por quem sou e pelo que faço no mundo, mas também pelos outros em sua alteridade, no modo específico da “preocupação libertadora” (p. 376).

Outra proposta levantada por Duarte são as implicações éticas presentes nas reflexões ontológicas de Heidegger sobre a linguagem, contidas em *Ser e tempo*. A abordagem de Heidegger sobre a linguagem propõe uma crítica à concepção da linguagem como mero instrumento de comunicação e propõe, ainda, pensar a hipótese de que o acolhimento do ser, presente na reflexão heideggeriana tardia sobre a linguagem, possibilita pensar o acolhimento do outro, gerando implicações de caráter ético, de modo que, acolher o outro é deixar ele ser o que é, livre de regras e critérios e iluminado pela abertura no qual aparece. Assim, o pensamento e a linguagem, não podem ser causados por procedimentos lógicos, “mas acontecem como resposta à es-

cuta de um apelo, o apelo do ser doador do outro *ek-sistente*." (p. 410).

O penúltimo capítulo do livro em questão aborda a ética do cuidado de si como cuidado político do outro, fazendo, então, uma aproximação entre o pensamento do último Foucault e sua hermenêutica do sujeito e a analítica ontológico-existencial de Heidegger. Segundo o autor, tanto Foucault como Heidegger fazem uma radical interrogação sobre o estatuto ontológico da subjetividade, o que possibilita novamente uma aproximação entre ambos. Destarte, para Heidegger, estamos entregues a nossa mundanidade e nos encontramos passivos de recebermos definições que forjam a nossa identidade, onde "o ser-aí se afasta do que pode ser para se compreender apenas como aquilo que já se disse a seu respeito." (p. 420). Baseado nisso, é proposto uma desconstrução das certezas primeiras da filosofia moderna. Também Foucault em sua tese da constituição do sujeito sujeitado aponta para a trama que predefine cotidianamente a nossa identidade através das relações entre saber e poder. Nesse aspecto, tanto Heidegger quanto Foucault apontam uma modificação da relação consigo que "é condição para o encontro e o cuidado de si e dos outros." (p. 422), escapando a redução do Outro ao Mesmo e as normatizações da subjetividade, levando o homem a se singularizar e tornar-se um sujeito autônomo do cuidado de si, alterando sua relação com os outros, pois o cuidado ético de si é sempre também cuidado ético do outros. Assim, seguindo André Duarte, podemos dizer que

a resistência aos poderes subjetivadores pode vir a ensejar a transformação e a modificação estético-política de si, dos outros e, portanto, do próprio mundo. (430).

O livro termina com um capítulo dedicado a Hannah Arendt e a ética da exemplaridade subversiva. No texto, Duarte busca extrair, a partir das reflexões arendtianas, "uma alternativa de resistência à violência política do mundo contemporâneo." (p. 431).

Para o autor, Arendt não é uma pensadora ética no sentido tradicional, mas uma pensadora que se propôs fazer uma reflexão entre o ético e o político, questionando a subordinação da ética e da política a metafísica. Assim, ele afirma que segundo Arendt "a ação, o pensamento e o juízo não metafísicos são simultaneamente éticos e políticos." (p. 437), isto é, a política pressupõe o acolhimento ético do outro enquanto outro. Segundo Arendt, estamos imersos aos perigos da normatividade das sociedades de massa, que visam neutralizar a ação espontânea e o exercício autônomo de pensar e do julgar, o que torna necessário a aparição pública de exemplos, mesmo que silenciosos, de ações subversivas a essa ordem estabelecida, possibilitando a iniciação de éticas e políticas de resistência. Assim, o autor expõe o fato de Arendt ter observado a atitude de alguns cidadãos que resistiram e se opuseram ao mal pregado pelo totalitarismo, ousando pensar e julgar por si próprios, importando para ela "o fato de que tal conduta resistente constitui a manifestação exemplar da discreta subversão possível." (p. 443). Pensar e julgar é ao mesmo tempo escolher para si um outro eu que me possibilita avaliar todos os demais, tornando essa escolha de si uma escolha do outro capaz de aceitar a felicidade pública e acolher as decisões políticas que visam a todos. Desse modo, Duarte afirma que Arendt

soube reconhecer as fundamentais implicações éticas e políticas de atividades solitárias, individuais, silenciosas e intransferíveis, tais como o pensar e o julgar por si mesmo. (p. 450).

Atividades essas muitas vezes de resistência e subversão, que devem torna-se modelo de exemplaridade ético-política para as outras pessoas e para a pluralidade dos homens.

Por fim, a crítica do presente exposta por André Duarte em seu livro *Vidas em risco* a partir dos pensadores Heidegger, Arendt e Foucault constitui uma grande análise do risco a que está exposta a vida nos dias atuais. Nas sociedades modernas a

vida passou a ser o grande problema, de modo que sua manutenção torna-se alvo de políticas de governamentalidade, impedindo o homem de exercer seu potencial de espontaneidade e criatividade e normatizando o destino de suas vidas. A grande questão que se apresenta é: como escapar a essa tendência biopolítica e biotecnológica em que se encontra a humanidade? Logo, é a partir dessa questão que Duarte propõe seu diagnóstico crítico do presente. Foi justamente por perceber que a vida encontra-

-se em risco que pensadores como Heidegger, Arendt e Foucault propuseram uma crítica do presente e a busca de alternativas que permitissem ao homem, no uso de suas potencialidades, escapar a essa destruição éticas e políticas propostas pela modernidade tecnocientífica. Portanto, utilizando as palavras de Oswaldo Giacóia Junior na apresentação do presente livro, podemos dizer que a leitura do livro *Vidas em risco* de André Duarte nos possibilita um exercício filosófico e cientificamente proveitoso.